

## GRUPOS EM DEBATE

### DEBATE ON GROUPS

## GRUPOS EM DEBATE

Lazslo Antonio Ávila  
Waldemar José Fernandes  
Ismênia de Camargo  
Solange Aparecida Emílio

### RESUMO

O estudo científico dos grupos humanos representa uma poderosa ferramenta metodológica, cada vez mais necessária no cotidiano dos profissionais que atuam nos campos da Saúde, Educação, Trabalho e Instituições. O livro de Lazslo Antônio Ávila, “Grupos: uma perspectiva psicanalítica”, foi resultado de muitos anos de estudos, pesquisas e práticas de seu autor e também da convivência com pessoas de instituições dedicadas a estudar grupos. No lançamento do livro realizado em junho/16 em São Paulo, o autor convidou alguns dos profissionais com os quais partilha profundo respeito pelos dispositivos grupais para juntos estimularem e coordenarem um debate sobre os temas tratados no livro. Tanto as falas iniciais dos participantes da mesa como as perguntas, respostas e colocações do público que se seguiram a elas foram resgatadas e organizadas nesse artigo.

**Palavras-chave:** Grupos; Psicanálise Vincular; processos grupais.

### ABSTRACT

The scientific study of human groups is a powerful methodological tool increasingly needed in the daily lives of professionals working in the fields of Health, Education, Labor and institutions. The book “Groups: a psychoanalytic perspective”, by Lazslo Antonio Avila, was the result of many years of study, research and practice of the author and also of the exchange of experiences and ideas with people from institutions dedicated to studying groups. At the book launch held in June / 16 in Sao Paulo, the author asked some of the professionals with whom he shares deep respect for group devices to help stimulate and coordinate a debate on the topics covered in the book. Both the initial presentations, as the answers and statements of the public were rescued and organized to compose this article.

**Keywords:** Groups; Psychoanalysis of Links; group processes.

### RESUMEN

El estudio científico de los grupos humanos es una poderosa herramienta metodológica cada vez más necesaria en la vida diaria de los profesionales que trabajan en los campos de la Salud, Educación, Trabajo y en las instituciones. El libro "Grupos: una perspectiva psicoanalítica", por Lazslo Antonio Ávila, fue el resultado de muchos años de estudio, investigación y práctica del autor y también del intercambio de experiencias e ideas con personas de instituciones dedicadas al estudio de los grupos. En la presentación del libro, celebrada en junio / 16 en Sao Paulo, el autor pidió a algunos de los profesionales con los que comparte profundo respeto por los grupos para ayudarlo a estimular y coordinar un debate sobre los temas tratados en el libro. Tanto las presentaciones iniciales, como las respuestas y declaraciones del público fueron rescatadas y organizadas para componer este artículo.

**Palabras-clave:** Grupos; Psicoanálisis Vincular; procesos grupales.

## INTRODUÇÃO

Lazslo Antonio Ávila

Por que estudar Grupos, hoje? Essa pergunta poderia ser o norte para inúmeros debates e investigações e, sem dúvida, é o próprio cerne de instituições como o NESME<sup>1</sup> e a SPAGESP<sup>2</sup>. Os vínculos são um componente essencial da natureza humana. Sem a relação (sexual) não seríamos concebidos. Sem as relações intersubjetivas (simbólicas) não desenvolveríamos a linguagem, a cultura, a civilização. Sem as relações humanas internalizadas não teríamos uma mente. Sem as relações amorosas não seria possível a vida comunitária.

O estudo científico dos grupos humanos representa uma poderosa ferramenta metodológica, cada vez mais necessária no cotidiano dos profissionais que atuam nos campos da Saúde, Educação, Trabalho e Instituições. A teoria e técnica dos grupos significa um indispensável recurso para o pensar e agir desses profissionais. Contudo, na formação acadêmica em Psicologia, Medicina, Serviço Social, e mesmo na Pedagogia, verifica-se uma imensa carência em conteúdos teóricos e instrumental técnico, que permitam aos futuros profissionais dessas áreas poderem se apropriar desse recurso tão ágil e apto a produzir modificações na realidade.

A bibliografia sobre os Grupos é vasta, mas parece haver uma distância entre o que é produzido e o que chega a ser efetivamente praticado nos CAPS, CREAS, nas escolas, fábricas, hospitais, órgãos públicos, etc.

No campo específico da Saúde Mental, se reconhece amplamente que os grupos são uma imprescindível ferramenta clínica. E foi pensando nos contextos clínicos, onde os Grupos Terapêuticos, os Grupos Operativos, e os Grupos de Reflexão são muito requisitados, que o livro “Grupos: uma perspectiva psicanalítica” foi gerado.

Para o seu lançamento nada seria mais justo e adequado do que formar um grupo para debatê-lo. Ainda mais se os membros desse grupo forem, em muitos sentidos, seus coautores, já que participaram de mais de 20 anos de convívio intelectual, além da presença ativa e criativa nos congressos anuais, produzindo trabalhos, e aprendendo continuamente uns com os outros.

Esse livro é, assim, filho do NESME e da SPAGESP, além de outros contextos grupais. Os debatedores são seus padrinhos. Vejamos o que nos dizem e pensam Waldemar, Ismênia e Solange.

---

<sup>1</sup> Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares. Maiores informações em <http://www.nesme.com.br>.

<sup>2</sup> Sociedade de Psicoterapias Grupais do Estado de São Paulo. Maiores informações em <http://spagesp.org.br>.

## **O TRABALHO COM GRUPOS: PERCURSO E HOMENAGEM**

Waldemar José Fernandes

Considero o lançamento do livro “Grupos: uma perspectiva psicanalítica” (2016) fundamental, entre outros motivos, porque esclarece o quanto e como os grupos são importantes.

Assim como o mundo interior é continuidade do mundo exterior, indivíduo e grupo não existem separadamente. Pelo contrário, eles se completam, pois, só existimos de fato, em função dos relacionamentos grupais, o que tenho aprendido nos últimos 46 anos.

Meu primeiro contato com um grupo psicanalítico foi no ano de 1969, ainda cursando a faculdade de medicina, como paciente. Por seis anos participei do grupo, quando combinei de me afastar, passando os sete anos seguintes em análise individual.

Terminado o período de análise, já em formação para ser psicoterapeuta de grupo, tive nova experiência grupal de seis anos, enquanto fazia supervisão, curso teórico e atendia grupos.

Tive ainda outras experiências: com psicodrama e gestaltterapia, sempre em grupo, que passou a ser o dispositivo preferido para meu trabalho.

### **Psicoterapia de grupo - um pouco de história**

O trabalho com grupos teve origem com Pratt, com tuberculosos, em 1905. Cerca de cinco anos depois Moreno criou os fundamentos do psicodrama e, em 1930, já utilizava a psicoterapia de grupo. Entre outros que colaboraram para o conhecimento dos grupos, lembro que Kurt Lewin, em 1936, foi criador das expressões: “dinâmica de grupo”, “campo grupal” e “formação de papéis”.

Com Foulkes, em 1948, teve início a psicoterapia psicanalítica com enfoque no grupo. Outro autor, Bion, aproximadamente na mesma época, deu colaborações fundamentais para o grupo psicanalítico, seja diretamente, como expôs em sua obra *Experiências com grupos*, seja nos textos sobre *Opensar e os pensamentos*, *Cesura*, *A teoria das transformações*, *Modelos*, e tantos outros.

Levando em conta a articulação da psicanálise clássica com a psicologia social, um dos nomes mais importantes para toda a América Latina, bem menos citado do que merece, é Enrique Pichon-Rivière. O trabalho com grupos homogêneos já era objeto de atenção desde o início das experiências grupais, sendo que os Grupos Operativos, desenvolvidos por Pichón, já na década de 1940, na Argentina, são exemplo consistente dessa forma de trabalho centrada em uma tarefa específica.

No Brasil, a partir do contato com psicanalistas argentinos, como Ferschtut, foi iniciado o trabalho psicoterapêutico com grupos em 1951, concomitantemente em São Paulo e Rio. No Rio de Janeiro, com Alcyon Baer Bahia, e em São Paulo, com Bernardo Blay Neto, que ajudaram a formar grande número de grupoterapeutas.

A década de 1960 foi aquela que marcou o “boom” da Psicoterapia Analítica de Grupo em nosso meio. Segundo Odilon de Mello Franco Filho, essa emergência não foi aleatória em relação ao panorama cultural da época, possuindo íntima relação com o mesmo.

Estávamos no auge das transformações sociais que marcaram aquela década. A procura de novos valores, a confiança no desabrochar de um homem novo baseado na expressão, sem amarras da sexualidade e da afetividade em geral, o enaltecimento das identificações grupais como forma de contestação e apoio às descobertas pessoais, tudo isso (e muito mais) funcionou como um terreno fértil para que as terapias grupais fossem encaradas como avanço para socorrer o ser humano conflitado consigo mesmo e com a sociedade. (MELLO FRANCO FILHO, in FERNANDES, W. J. et al, 2003, p.22)

Maiores dados históricos podem ser encontrados no texto clássico de David Zimmermann “Estudos sobre Psicoterapia Analítica de Grupo” (1971).

Em 1965, houve a fundação da FLAPAG – Federação Latino-Americana de Psicoterapia Analítica de Grupo. Muitas sociedades se formaram em toda a América latina, inclusive no Brasil. Em São Paulo, tiveram grande importância: Luiz Miller de Paiva, Oscar Rezende Lima e José Bockman de Faria, ainda vivos, assim como os falecidos Nelson Poci, Heládio Francisco Capisano, Bernardo Blay Neto, Manoel Munhoz. Os últimos que a psicanálise em sua vertente individual e grupal perdeu foram Odilon de Mello Franco Filho, poucos anos atrás, e, mais recentemente, David Epelbaum Zimerman, em 2014. Ambos deixaram extensa obra e participaram de inúmeros eventos do NESME - com trabalhos importantes em nossas revistas.

Tivemos também a criação da ABPAG - Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo, que foi importante por muitos anos; assim como muitas sociedades regionais, formadoras de psicoterapeutas de grupo, congregadas pela entidade nacional.

Nos últimos anos, a ABPAG teve diversas irregularidades formais, quanto a registros, o que tornou a entidade inviável economicamente, agravado pelo fato de muitas das sociedades filiadas terem sofrido a saída de membros, e outras terem fechado as portas.

Chegou-se a situação tão grave que, em maio de 2011, decidiu-se pelo encerramento da mesma, o que só ocorreu entre final de 2012 e início de 2013.

Atualmente há associações que estudam e trabalham com grupos em São Paulo, Porto Alegre, Campinas, Belém e Ribeirão Preto, assim como um movimento inicial em Brasília.

Entretanto, é no Estado de S. Paulo, na capital, com o NESME, fundado em 1986, e em Ribeirão Preto, com a SPAGESP, fundada 10 anos depois, que existe ainda um forte movimento grupal de inspiração psicanalítica.

A partir de contatos com Janine Puget, Marcos Bernard e Maria Cristina Rojas, na década de 90, NESME e SPAGESP trouxeram a inovação da psicanálise vincular, expandindo o que, até então era apenas a chamada Psicoterapia Analítica de Grupo, o que enriqueceu também a psicanálise clássica.

### **Alguns conceitos em que me baseio: (*agrupamento, grupo e vínculo*).**

Considero que quando estamos num evento como este debate-lançamento de livro, ocorre inicialmente um agrupamento, pois diversas pessoas estão no local com finalidades semelhantes: conhecer o autor e sua obra, ou parabenizá-lo, confraternizando neste local e hora, ou ainda, trocar ideias sobre o trabalho psicanalítico grupal. Provavelmente, em algum momento, emoções apareçam, sorrisos, olhares, afinidades surjam, como também, eventualmente, sentimentos não tão agradáveis: estará se formando o **grupo**, então.

Assim, entendo que Grupo é uma forma específica de agrupamento em que ocorrem interações vinculares.

O **vínculo** - pela concepção que mais faz sentido para mim, com alguma inspiração em Pichon, Bion e Zimerman - é uma estrutura relacional, em que ocorre uma experiência emocional e pode ter espaços ou dimensões internas ou externas.

São importantes as três dimensões do vínculo: *intrasubjetiva*, isto é, consigo mesmo; *intersubjetiva* - com o outro; e com o mundo, a dimensão *transubjetiva*.

### **Como contribuição, trago a forma como trabalho com grupos:**

Meu interesse é no vínculo, estrutura que separa e une, tal como o hífen; isto é - como cada um se comunica, quais as distorções da comunicação verbal e não verbal, o tom de voz e o olhar que acompanham a fala, assim como o sentido que cada um atribui às palavras, ainda que usem as mesmas entre si, muitas vezes ocasionando *mal-entendidos*.

Ao estudar o vínculo, através das comunicações, pode se perceber indiretamente as tendências persecutórias, as fantasias onipotentes, as defesas e resistências, sendo que no grupo temos o privilégio de poder examinar no ato, o que cada um queria transmitir para o outro, e o que cada um pode captar da comunicação nessa micro sociedade, nesse espaço entre outros, que é o grupo analítico.

Prefiro interpretar pouco e evitar dizer coisas que o próprio grupo possa descobrir e dizer.

### **Ancoragem teórica encontrada no livro “Grupos: a perspectiva psicanalítica”**

Além da experiência própria do autor, há um apoio em grande quantidade de autores da psicanálise de grupo. Mas, são principalmente quatro os principais pilares de sustentação para o modelo de compreensão psicanalítica de Lazslo Antônio Ávila sobre os fenômenos grupais: Freud, Pichon-Rivière, Bion e Kaës.

Freud, com os alicerces, mas, não só. Bion e Kaës, entre outros, se encarregaram de ampliar tal edifício.

Quero enfatizar, então, que Enrique Pichon-Rivière deu grande cooperação ao estudo e trabalho grupal. Foi a partir do conhecimento sobre os Grupos Operativos que o NESME

construiu os fundamentos dos Grupos Psicanalíticos de Discussão, o que podemos encontrar no livro organizado pelo NESME e SPAGESP “Grupos e configurações vinculares” (2003, p.205).

### **Contribuição teórica de Bion**

Gosto muito das ideias de Bion, que me parece, extrapolam aquelas desenvolvidas no texto “Experiências com grupos” (1948). No texto “A cesura do nascimento”, por exemplo, vemos o grupo como aspecto da mente primitiva, o que engloba os supostos básicos de Bion (dependência, luta e fuga, e acasalamento), assim como os grupos de trabalho - e muito mais. O tema da cesura que é de 1977, está muito bem elaborado em texto de David Epelbaum Zimerman (1995, p.29).

Na concepção bioniana, o crescimento mental ocorre por surtos, em níveis repentinos de mudança, que causam angústia - que ressurge a cada vez que ocorre qualquer transformação criativa.

A cesura do nascimento é o equivalente psíquico ao corte biológico do cordão umbilical. As partes pré-natais da personalidade, na cesura do nascimento, têm a tendência à cisão, ficando internalizado em todos nós algo de uma vida tribal, atávica, registro de nosso passado animal, em que se formavam clãs, famílias ou rebanhos.

Algumas emoções não puderam se tornar conscientes, nem verbalizadas, restando um estado mental arcaico, que deixou vestígios. Nenhum de nós ultrapassa totalmente essa fase primeva. Assim, nas afecções psicossomáticas, podemos encontrar um aniquilamento do aspecto intelectual, com o ressurgimento do psicossomático, mais primitivo.

Bion propôs a coexistência na mente, de dois diferentes modos de funcionamento - um mais desenvolvido - e outro - o representante de configurações embrionárias que sobrevivem sem registro simbólico. Mesmo assim, “suas manifestações podem se notar no nível corporal, ou em manifestações grupais”. Esse é um *funcionamento protomental*, onde ocorre certa indiferenciação corpo-mente.

Na visão de Bion, duas mentalidades grupais estão presentes ao mesmo tempo e contrapostas, ou seja, a mentalidade primitiva ou do homem regredido e a mentalidade de grupo de trabalho ou de homem evoluído, que não representam uma seqüência. Ambas, estão presentes tanto no habitante das cavernas, quanto no homem moderno.

Nos grupos é comum - quando pergunto se estão pensando em algo - que me respondam que *pensavam coisas diferentes do que tinha sido dito até então, como se receassem atraparhar o que estava se discutindo...*

É frequente que escolham um tema, um protagonista, algo que parece ser a pauta do dia, fugindo da associação livre, parecendo acreditar que nada mais deve perturbar o determinado assunto; caso estejam pensando em outras coisas, é comum que as omitam *para não perturbar o clima do grupo.*

Nada deve quebrar o ritmo da sessão e os hábitos do grupo, que busca manter o equilíbrio, voltando ao conhecido, como por exemplo, a chavões da área psi sempre procurando “ficar no tema”, para evitar o incerto.

Mantendo o “tema do grupo” todos estão garantidos contra o risco de erupções de forças desordenadas, irregulares, violentas e inesperadas, causadas por dúvidas, pelo não saber, e pelo emergir de questões não programadas.

É um dos aspectos do grupo – um funcionamento primitivo e massificado, verdadeiro vestígio arqueológico de nosso passado animal.

Algumas manifestações grupais abrangem parte desse funcionamento protomental. Tais manifestações apenas se tornam mais perceptíveis, quando as pessoas estão agrupadas, mas, em sua origem, não dependem do grupo.

A grupalidade é uma função que tem como fatores esses aspectos protomentais que sobrevivem dentro de cada indivíduo.

Assim, o Grupo não cria a Grupalidade. Ocorre o inverso: o grupo é a decorrência fenomenológica, a exteriorização de uma categoria mental grupal que nos habita individualmente.

### **Mais um pouco sobre o livro e o autor:**

Lazslo Antonio Ávila reforçou seu vínculo com as teorias e as práticas grupais em 1975, inicialmente com interesse na teoria pichoniana.

Eu o conheci na década de 1990, em apresentação científica na antiga Sociedade Paulista de Psicoterapia Analítica de Grupo, passando a conviver mais rotineiramente com ele no NESME, desde 1991. Fui testemunha do seu grande interesse por grupos, ao lado da psicanálise e da psicossomática psicanalítica.

Inúmeros pontos se destacam no livro: um ponto dos mais importantes entre os citados é quando se reporta ao que Freud denominou de “feridas narcísicas” – e explica: o conjunto de conhecimentos que denominamos Ciência causou três grandes transformações no narcisismo humano: a primeira foi causada por Copérnico (O homem não é o centro do universo); a segunda por Darwin (O homem está em um dos seus muitos ramos da escala da evolução, junto aos primatas superiores); e a terceira, pelo próprio Freud, com a descoberta do inconsciente (o homem não é nem mesmo o centro de si mesmo, pois o inconsciente o coloca como habitante de si mesmo, junto com um desconhecido.). Para Ávila, os grupos são a quarta ferida narcísica, ampliando a compreensão do que é a psique humana, quando a dimensão intersubjetiva é seriamente considerada, resignificando o Indivíduo, e aquilo que em cada pessoa se refere ao si mesmo, ao Eu - uma matriz de relações intersubjetivas.

## **Para encerrar**

O livro é resultado de esforço investigativo e da experiência de vida pessoal e profissional do autor, que tanto aprendeu com seus grupos em seu percurso, que tudo ficou internalizado, resultando, para nossa sorte, em uma ótima e instigante obra, importante para quem se interessa pela psicologia, psicossomática e pela psicanálise clássica, e, mais ainda, para quem estiver buscando se atualizar com os novos conhecimentos da psicanálise dos vínculos.

O autor propõe que o dispositivo grupal seja parte do esforço coletivo para tornar o mundo um lugar melhor, um lugar mais humano e civilizado, no melhor sentido freudiano.

Concordo que os grupos são um extraordinário instrumento para mediar conflitos, para trabalhar diferenças, para possibilitar real cooperação e desenvolvimento, muitas vezes difícil pela própria “natureza humana”.

O que entendo por “natureza humana”?

Temos um duplo potencial – uma tendência a construir, criar e viver amorosamente; e outra tendência, mais destrutiva. Há que administrar isso. É necessário se abrir mão do narcisismo, da onipotência, da pretensão a ter sempre razão e de certezas absolutas, ter humildade para reconhecer que sabemos pouco e que ninguém é dono da verdade, nem existe uma verdade única, poder lidar com a diversidade e com o inesperado, o que permite se viver entre outros. Daí a importância do trabalho grupal.

Pode-se concordar ou não com as questões abordadas no texto, mas, em nenhum momento ficar-se-á passivo, pois o principal de uma boa obra, como esta, é colocar-nos a pensar, o que não tem preço.

O livro não encerra os assuntos, não responde, mas nos inquieta com indagações, fazendo lembrar uma frase que Bion muito apreciava, de Maurice Blanchot: “A resposta é a desgraça da pergunta”.

Assim, podemos seguir pensando, criando, intuindo, porém enriquecidos por obra tão estimulante.

## **COMO OS PROCESSOS GRUPAIS PODEM AJUDAR O HOMEM DA PÓS-MODERNIDADE.**

Ismênia de Camargo

É comum aos escritores dizerem que a época moderna fez surgir uma nova concepção de Sujeito: o Sujeito passou a ser individual e com identidade.

Nos tempos pré-modernos o Sujeito Singular se apoiava em escrituras e tradições estabelecidas por Deus e, portanto, inquestionáveis. Podemos citar Copérnico e Galileu, que não podiam discordar das determinações da Igreja, vista como representante de Deus na

Terra. Os pensamentos, sentimentos e comportamentos dos sujeitos eram regidos por leis divinas. O Sujeito da pré-modernidade era considerado “Sujeito de Deus”.

O Iluminismo do século XVIII, que foi um amplo movimento filosófico, político, social, econômico e cultural, defendia o uso da razão como o melhor caminho para se alcançar a liberdade, a autonomia e a emancipação em relação à Igreja. A modernidade depositava muita confiança na razão e no saber técnico-científico. Ela foi marcada pela relação entre conhecimento, razão, verdade e controle. Quanto maior o conhecimento, maior o controle.

O sujeito moderno era considerado o sujeito da razão, “Sujeito Racional”, o qual podia ter a sua singularidade, sua identidade e independência de pensamento.

Os indivíduos e seus processos mentais passaram a ser objeto de várias ciências como a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia. Os estudos de Freud sobre o inconsciente fizeram com que o homem perdesse toda a confiança que o consciente/razão lhe proporcionava. Havia na sua estrutura mental e emocional uma parte inacessível e incontrolável. Kaës, na sua construção metapsicológica de grupos, nos diz que o indivíduo não é apenas influenciado, mas é constituído pelo seu meio social. Ele nasce e sua individualidade vai sendo construída pela cadeia geracional que o antecede. Kaës acrescenta que o inconsciente, que em Freud era individual, é concebido como resultante dessa cadeia e, portanto, torna-se uma construção coletiva.

E como é o Sujeito da Pós-modernidade?

A época pós-moderna, segundo alguns autores, se iniciou nas décadas de 1960-70, com a Ciência da Computação.

Na modernidade havia relativa segurança na previsibilidade. Meu pai, por exemplo, passou 40 anos trabalhando no mesmo banco. Nessa época podia-se prever que o trabalhador se aposentaria no mesmo emprego. Era desejável, até. Hoje, não. Quando alguém fica muito tempo no mesmo trabalho é sinal de que não tem ambição. Aliás, hoje em dia, o trabalhador não sabe se permanecerá ou não empregado. Estamos falando do sentimento de insegurança quanto ao futuro, aos sonhos, aos planos. O Brasil atual é o melhor exemplo dessa insegurança. O que vai acontecer na política, na economia? Ninguém sabe. O conhecimento e a razão, pilares da modernidade, passam a ser constantemente questionados. Perdemos aquele sentimento de que vivíamos em um mundo relativamente estável. Agora o sentimento é de caos.

Outra característica da pós-modernidade é a aceleração do tempo. Tudo é muito rápido. As relações começam e terminam a um toque de uma tecla. Como dizia um filósofo de 80 anos: “eu tive na vida uns quatro ou cinco amigos, no máximo. Meu neto tem 300!” Como são construídas essas relações? A palavra “amigo” tem o mesmo sentido para o avô e para o neto? A consequência mais visível dessa aceleração é o sentimento de imediatismo. As necessidades e os desejos precisam ser satisfeitos agora. A postergação da satisfação é inconcebível. Já ouvi de um adolescente, que estava falando do seu futuro profissional, “não sei bem o que quero, mas quero agora. Quero ter um bom emprego e quero ganhar muito dinheiro”. Há enorme dificuldade de se lidar com as frustrações. E isso causa muita angústia e dor.

Como se caracteriza a família na pós-modernidade? Nas famílias recasadas, por exemplo, como a autoridade é vista? Os adolescentes falam: “você não é meu pai, não manda em mim.” Na modernidade a autoridade não era discutida. Cada indivíduo tinha seu lugar e os papéis eram relativamente estáveis. A autoridade garantia a ordem social e a segurança de todos. A autoridade dos especialistas também vem sendo questionada. Na medicina, por exemplo, os indivíduos estão sempre se defrontando com diversos discursos especializados divergentes, o que leva a confusão e insegurança.

Quanto aos valores morais, há estudos conclusivos de que nessa era pós-moderna eles são bem mais frouxos que antigamente. Ouvi de uma orientadora educacional que alguns alunos de classe social rica estavam passando dinheiro falso na cantina. E o que dizer sobre as relações amorosas? Os rejeitados, muitas vezes, utilizam-se das redes sociais para denegrir o antigo parceiro. Ou, também pelas redes sociais, pessoas destilam ódio através de preconceitos. Enfim, estão aí nossos políticos que não nos deixam mentir.

A competitividade também aparece em tom bem mais forte na pós-modernidade. Lembro-me de um aluno norte-americano que ficou doente e precisou faltar a muitas aulas. Quando retornou ficou encantado com os companheiros que, espontaneamente, lhe emprestaram os cadernos. “Nos E. U. A. isso não aconteceria, pois não dá para ajudar o competidor”.

Uma forte característica da pós-modernidade é a globalização. Qual é a sua influência sobre as identidades nacionais? Sentimos que o mundo é menor, as distâncias mais curtas e os eventos ocorridos em um lugar têm impacto em lugares distantes. Na medida em que as culturas nacionais tornam-se expostas às influências externas é difícil conservá-las intactas. Elas tornam-se desvinculadas de tempos, lugares, histórias, tradições, havendo o que autores falam de homogeneização cultural. Vivemos em uma aldeia global.

Em resumo, como é o indivíduo pós-moderno? Por causa da globalização, da internet, do imediatismo, das rupturas entre fronteiras e barreiras, perdemos a sensação de que vivíamos em um mundo estável. Nesse contexto instável, com rupturas e crises, o indivíduo torna-se inseguro, perdido, sem saber direito o que fazer com a frustração, com desejos que não são imediatamente satisfeitos, com sonhos não realizados. Surge agora o Sujeito da Crise. Sua história transcorre entre crise e resolução, entre ruptura e sutura. E é nesse espaço transicional que se interlaçam as tramas sociais, emocionais e mentais que juntas tecem o que se chama a singularidade de uma pessoa ou Sujeito Particular.

O que a terapia grupal tem a ver com tudo isso? Como ela poderá ajudar esse Sujeito da Crise?

O grupo atuaria justamente nesse espaço transicional entre ruptura e superação. Vamos pensar em um trabalhador. Quando surge o desemprego não esperado, a continuidade da existência subjetiva (como nos ensinou Winnicott) é quebrada e o caos se instala. A crise produz desorganização psíquica e ameaça à integridade do ego. Marilena Chauí nos dá como exemplo a árvore e a canoa. Quando queremos construir uma canoa precisamos destruir a árvore. Esse momento é de caos, pois não temos mais a árvore e ainda não temos a canoa. Não é só o indivíduo que se desorganiza. A família também. Os filhos precisam ir para uma

escola mais barata, a mulher precisa trabalhar fora, etc. Além disso, o sujeito vive como se fosse um fracassado, sem ter a noção do sistema econômico que o envolve. Segundo Kaës, os processos grupais permitem refletir as articulações entre os processos intrasubjetivo, intersubjetivo e social, mostrando-se particularmente úteis para a compreensão dos vínculos que ligam os sujeitos entre si, a grupos e ao ambiente sociocultural.

Como o grupo atuaria nesse espaço transicional e ajudaria o homem pós-moderno na superação da crise?

Vou destacar, entre vários aspectos, um que acho essencial por ser inerente aos processos grupais: a presença física e significativa do outro.

A crise produz no Sujeito a necessidade de buscar apoio e conforto. O grupo pode acolher as angústias do homem pós-moderno, pois a rede psicossocial pode ter a função de manter o sentimento de continuidade interior. Como? O terapeuta e os outros membros do grupo podem acolher as projeções, fantasias, aspectos agressivos e regressivos. E quando tais aspectos são nomeados eles podem ser elaborados. Isto é feito através do trabalho psíquico da intersubjetividade que o sujeito sozinho não conseguiria realizar.

Nós somos formados por um sistema de crenças e valores que vão nortear nossa visão de mundo e de nós mesmos. Às vezes, ele é tão imperativo e rígido que impõe um caráter determinista à nossa autoimagem. Por exemplo, uma pessoa fez três faculdades: Direito na São Francisco, Administração na GV, e Psicologia na USP. No entanto, ela acredita firmemente não ser inteligente nem capaz. A realidade não consegue combater essa imagem de si. A presença física dos outros, dentro do grupo, pode ir desconstruindo essas crenças. Nada mais forte do que outro integrante falar o que sente sobre nós. No grupo, o outro é presente para o bem ou para o mal. As questões de relacionamento são enfrentadas e não há como fugir delas. Tanto os sentimentos positivos quanto os negativos são focos de atenção e podem se tornar elementos de evolução emocional. O outro nos dá a dimensão de como somos vistos. Os outros representam o mundo real e seus comentários e reações são considerados espontâneos e verdadeiros.

Além disso, estamos em constante contato com as diferenças. Lidar com as diferenças humanas é uma das coisas mais difíceis a aprender. Há sempre a fantasia de que tudo seria melhor se fôssemos iguais. Não exigiria nenhum esforço porque já saberíamos de antemão o que o outro sente ou pensa. No entanto, ao lidar com o diferente tenho que fazer constantemente um trabalho psíquico para poder me comunicar. O grupo pode nos ensinar a ser mais tolerantes com as diferenças e, talvez, até a ser menos críticos com as nossas falhas. Na experiência de grupo somos confrontados não só com o estranho no outro, mas, sobretudo, com o estranho e inquietante que existe em nós.

Os grupos terapêuticos proporcionam, também, enorme alívio quando os pacientes percebem que não são únicos em suas dores. A possibilidade de dividir experiências e ouvir outras pessoas que passaram por situações semelhantes redimensiona a crise e a transforma em algo superável. Para Yalom a esperança é um dos importantes fatores terapêuticos. É a possibilidade de mudança. E ver que outros superaram crises semelhantes traz um grande alento ao paciente.

É muito comum haver aconselhamentos entre os integrantes. Mesmo que o conselho não seja aceito, há o reconhecimento do interesse e dos cuidados. O enunciado feito por um membro pode abrir uma via para o retorno do recalque do outro. O discurso grupal vai abrindo vias de acesso à consciência que não estavam disponíveis para o sujeito.

Alguns pacientes carregam na sua história familiar dificuldades que o grupo permite reviver. Estamos falando de complexos paterno e fraterno, nos quais sentimentos como inveja, ciúmes, competição, rivalidade, podem ser revividos e, com o auxílio do terapeuta e dos demais integrantes, elaborados.

Outro aspecto que pode ser nomeado é o sentimento de dar e receber. Alguns pacientes chegam acreditando que não têm recursos para ajudar o colega e quando percebem que ajudaram, há um aumento importante na sua autoestima.

Em resumo, a experiência dos processos grupais permite aumentar a capacidade de discriminação do outro, aumentar a tolerância e transformar elementos Beta em elementos Alfa, como nos ensinou Bion. Ou, segundo Kaës, a comunicação e associação de ideias permite que elementos antagônicos e conflitantes nos espaços intra, inter e trans psíquicos possam ser elaborados por meio do trabalho do Aparelho Psíquico Grupal.

Enfim, quero terminar com as palavras do Lazslo, em seu último capítulo nesse livro, que está ótimo:

“Os grupos são extraordinários instrumentos para mediatizar conflitos, para trabalhar diferenças, para possibilitar a real cooperação e desenvolvimento” dos integrantes (Ávila, 2016, p. 167).

## **PASSADO, PRESENTE E FUTURO DOS GRUPOS**

Solange Aparecida Emílio

É muito gratificante fazer parte de uma apresentação tão rica e interessante. Aqui há pessoas que são referência para muitos de nós, as quais admiro profundamente por sua importância na história do trabalho com grupos. Eu vou começar trazendo um pouco das ressonâncias em mim provocadas pelo livro e também apresentar um pouco das vivências no NESME para poder então trazer algumas ideias sobre o futuro dos grupos no Brasil.

A leitura do livro permitiu um reencontro com o Lazslo e os encontros com ele são sempre muito bons. O texto é de fácil assimilação, sem ser raso. O autor aborda de forma clara temas importantes e densos; traduz autores nem sempre bem compreendidos, como Freud, Bion, Pichon-Rivière, Kaës. Traz a riqueza de mitos, a leitura cuidadosa de autores de diferentes áreas, a escuta atenta às pessoas com as quais vem se encontrando em seu percurso. Tudo isso se constitui numa experiência instigante.

Assim, posso afirmar que o livro “Grupos: uma perspectiva psicanalítica” é uma excelente referência para quem faz ou pretende fazer grupos terapêuticos. É difícil encontrarmos textos sobre grupos que tragam exemplos clínicos neste referencial. Mas, nele, não há só fragmentos de um grupo, como ilustração, há um capítulo inteiro, no qual são

apresentadas e discutidas diferentes sessões de um grupo terapêutico. Também será uma importante fonte de consulta para quem faz ou pretende fazer grupos na Educação, na Assistência Social, no trabalho comunitário, entre outros. E para as pessoas que não trabalham com grupos como dispositivos de intervenção, mas desejam compreender melhor os fenômenos grupais dos quais tomam parte, para as que desejam compreender melhor os fenômenos de massa e sobre o que vem ocorrendo em nosso país, também pode ser uma interessante leitura, instigadora de reflexões.

Com este livro, o autor organiza e atualiza artigos seus já conhecidos de muitos de nós e apresenta conceitos inovadores. Waldemar já apontou a ideia que ele apresenta da grupalidade como a quarta ferida narcísica da humanidade. Eu gostaria de destacar, além deste, outro conceito que considero bem característico de suas contribuições para o campo: o da *trofolaxe grupal*. Vocês já ouviram esse termo antes? Eu também não tinha ideia do que poderia ser até escutar sobre ele em uma apresentação do Lazslo num congresso, há muitos anos. O conceito era tão novo e ao mesmo tempo tão interessante que nunca mais esqueci. Então, fiquei muito feliz ao reencontrá-lo em um capítulo do livro. Para não estragar a surpresa de vocês e para estimular a curiosidade, não vou falar muito sobre ele. Vou somente dizer que aproveita um processo que ocorre entre os insetos sociais, a trofolaxe (troca de alimentos e outras substâncias), para pensar no que trocamos em nossos grupos humanos, do que nos nutrimos e que é fundamental para a sobrevivência dos grupos humanos. Mas, muito melhor é ler o capítulo e se encantar com o aproveitamento que ele faz de algumas das contribuições de Dawkins e Maturana, e com a forma como os ilumina com conceitos da psicanálise vincular.

Feito esse breve comentário sobre as ressonâncias do livro sobre mim, posso dizer que é um livro necessário, que precisa ser lido, estudado e consultado por pessoas que estudam e trabalham com grupos e também para as que não trabalham com eles, mas os vivem no seu cotidiano. Ou seja, por todos nós.

Passo agora a discorrer sobre o que penso do futuro das práticas grupais. Para isso, vou falar um pouco do NESME, instituição da qual sou atual presidente. O Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares foi fundado há 30 anos. Um dos fundadores foi o Waldemar José Fernandes, a quem muito devemos, por suas contribuições durante todos esses anos. Como seu próprio nome já anuncia, é um núcleo de estudos; do ponto de vista legal, é uma associação sem fins lucrativos. Os membros do NESME, em sua maioria psicólogos e psiquiatras que trabalham com grupos, são associados e contribuem com mensalidades para a manutenção da instituição, cujo propósito de existência é o de proporcionar o estudo continuado, o ensino, a prática e a divulgação dos grupos, como dispositivos de intervenção ou como espaços de ocorrência de fenômenos e processos grupais e também da psicanálise vincular. Isso se dá de diferentes formas:

- 1) Por encontros mensais, para estudo e discussão dos mais variados temas (com atividades exclusivas aos membros e outras abertas a visitantes);
- 2) Por grupos de estudos e cursos breves sobre temas de interesse, que são coordenados e frequentados tanto pelos membros como por participantes externos;

- 3) Pela organização do Congresso Brasileiro de Psicanálise das Configurações Vinculares a cada dois anos e também pela colaboração na organização de eventos de instituições parceiras (no Brasil e no exterior), contribuindo assim para a congregação e troca entre os profissionais de diferentes áreas;
- 4) Pela sustentação de uma clínica social (atualmente, coordenada pela Ismênia de Camargo), que atende grupos, famílias e casais e tem como importante característica o fato de, apesar de não ofertar serviços gratuitos, permitir aos usuários que paguem pelos serviços o valor possível a cada um. Assim, ela é acessível a pessoas de diferentes realidades. Funciona também como espaço de práticas e construção de conhecimento, uma vez que os atendimentos são realizados profissionais que se reúnem quinzenalmente para discutir os atendimentos e compreender melhor os fenômenos vivenciados.
- 5) Pela oferta de supervisões e cursos de formação a profissionais, equipes e instituições, conforme demanda;
- 6) Pela organização de uma revista científica, a Vínculo: Revista do NESME, que tem sido reconhecida pelos pares e também pela comunidade científica, estando atualmente avaliada como Qualis B1, importante qualificação para uma revista que não tem vinculação a nenhuma universidade e é mantida por uma instituição pequena e cujos profissionais a ela dedicados são todos voluntários.

O que temos percebido pela experiência do NESME é que manter uma instituição como esta não é tarefa fácil. Já tivemos altos e baixos. Enfrentamos mais de uma vez o risco de encerrarmos nossas atividades. No entanto, a sobrevivência tem se dado pela nossa insistência nos grupos e no cuidado aos vínculos. Para isso, aprendemos e temos defendido que os grupos podem ser espaços de circulação de sentimentos opostos e contraditórios. Então, tanto podem ser perigosos quanto podem se constituir como potencializadores de seus membros.

No entanto, para aproveitarmos a potência dos grupos, estes precisam ser coordenados por alguém com preparo para isso. Uma das estratégias que tem permitido a sobrevivência do NESME foi a contratação de um supervisor institucional externo. Há mais de três anos, uma das atividades dos encontros mensais (esta, restrita aos membros) é a supervisão institucional, caracterizada pela escuta atenta de uma supervisora competente para auxiliar na circulação dos afetos, na comunicação entre os membros, no contato com fantasmas, na quebra de estereotípias e de repetições destrutivas, permitindo o surgimento do novo, da criatividade e a construção coletiva de um fazer institucional que nunca está pronto, mas que pode e precisa se valer da experiência como referência.

Assim, o futuro dos grupos está na persistência, em não desistirmos deles, em continuarmos investindo nos encontros, por acreditarmos que o que se constrói com os grupos e em grupos é infinitamente melhor e mais poderoso do que a somatória do melhor que cada um de nós poderia individualmente ofertar, como, por exemplo, o resultado deste debate de hoje, que será enriquecido pelas contribuições de todos aqui.

## O DEBATE

Lazslo Antonio Ávila

Aqui, convidamos o público presente a se manifestar. Como estávamos em grupo, praticamos um pouco esse enriquecimento que é podermos compartilhar das ideias de cada um.

A primeira pergunta foi direcionada à Ismênia:

- Como o terapeuta fica depois que participa de um grupo onde estão acontecendo todas as coisas que foram ditas; se o terapeuta mergulha na confusão. Ismênia responde que o terapeuta fica em um lugar diferente dos membros do grupo. Ele não se detém naquilo que está explícito. Ele procura entender aquilo que não pode ser dito, ou que é inconsciente. Ele visa sempre a relação entre o explícito e o implícito. Seu objetivo é ajudar o grupo a entender os implícitos grupais.

A segunda, terceira e quarta perguntas foram direcionadas à mesa e respondidas por um ou mais participantes:

- Segunda: normalmente as maiores realizações intelectuais e artísticas são feitas pelos indivíduos isolados como Michelangelo ou Beethoven e, por outro lado, algumas das maiores barbáries, como o recente estupro coletivo, são feitas por grandes grupos desorganizados. Como entender esses fenômenos? Lazslo respondeu que de fato esse mesmo ponto havia sido trabalhado por Freud em seu livro, essencial para quem pesquisa os grupos, que é *A Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1921). Neste texto seminal, Freud afirma que por um lado cabe ao indivíduo isolado o papel de gênio criador, mas que por outro lado, toda obra individual é tributária de todas as conquistas e realizações de seus antecedentes. Mesmo os gênios deviam à grande massa humana a sua produção, já que era desse "caldo de cultura" que provinham os elementos básicos para a sua criação. Assim por exemplo, a genialidade musical de Beethoven deve muito aos músicos que inventaram o piano, e a todos que produziram partituras e composições ao longo dos séculos anteriores, assim como Beethoven influenciará aos músicos dos séculos por vir.
- Terceira: foi afirmado pela Ismênia que no grupo um paciente pode fazer um enunciado ao outro que produz efeitos. Ou seja, um paciente no grupo pode dizer ao outro que ele é chato, o que não caberia ao terapeuta dizer, mesmo que pensasse. Mas, por exemplo, em pessoas com depressão isso não pode piorar o quadro? Waldemar responde que em sua experiência, isso nunca ocorreu. Nos grupos costuma acontecer um processo interessante, que é o grupo se autorregular. Um participante poderia dizer que o outro foi chato ou dizer qualquer coisa a respeito dos companheiros, o que seria uma visão parcial a respeito, mas logo, outro acrescentará algo, e de contribuição em contribuição, vamos montando um quadro mais integrado. Se o grupo estiver evoluindo bem, sempre surgirá uma contrapartida, que poderá mostrar algo mais

verdadeiro do que parecia ser a primeira comunicação. Ele acha difícil que tais afirmações possam piorar o quadro. Solange acrescenta que nos grupos as questões de cada um emergem nas falas individuais, que podem ou não ser do grupo. Então, quando um diz ao outro que ele é chato, está falando também de si. O psicoterapeuta de grupo bem preparado consegue transformar o que pode parecer uma crítica em uma compreensão maior sobre quem emite a crítica e o supostamente criticado. Ismênia esclarece que sua fala foi um recorte das várias possibilidades da terapia grupal e que quis diferenciar o que seria bem característico do grupo: a presença significativa do outro.

- Quarta: seria interessante falarem mais sobre os fenômenos de grupo dos adolescentes nas escolas, como o *bullying* e outras formas de violência. Lazslo responde que de fato os grupos de adolescentes transgressores foram um dos primeiros temas de interesse para os pesquisadores dos fenômenos grupais, e que na Adolescência os grupos são os suportes para a passagem do grupo familiar para a sociedade mais ampla. Solange complementa, dizendo que tem se dedicado a estudar temas sobre a interface entre Psicologia e Educação e afirma que os estudos de grupos têm muito a contribuir para essa temática. Os adolescentes vivenciam com muita intensidade os processos de identificação e diferenciação e os grupos são espaços privilegiados para essas vivências. É fundamental que os adultos da escola possam compreender tais fenômenos para colaborar com eles nesses processos. As situações de violência, inclusive de estupro coletivo, como mencionado numa das primeiras perguntas, são muito mais comuns do que sabemos. A aposta nos grupos não deixa de ser uma luta contra a barbárie, pois um grupo bem coordenado possibilita a percepção da importância de cada um para o processo coletivo, o que não acontece nas massas.

Mais e mais pessoas se envolveram no debate, com perguntas e respostas se sucedendo e se complementando. A limitação no tempo impediu que o debate se estendesse além, mas ainda houve alguns comentários finais que levaram à seguinte síntese final desse grande encontro, feita pela Beatriz Silvério Fernandes: Ela achou muito interessantes as apresentações e aprendeu com o que foi exposto. Isso porque abriram janelas em sua mente, permitindo a entrada de novos conhecimentos. Pôde também reciclar bons e velhos conhecimentos já adquiridos. Para ela, a troca enriquece e isso só é possível em grupo.

Grupos são, inerentemente, um assunto de permanente interesse para a coletividade, dado que não existe processo psíquico ou condição social em que não haja a participação de interações humanas e, portanto, de fenômenos grupais. Contudo, mais e mais produções teóricas e técnicas se fazem necessárias para que os grupos, enquanto instrumentos de saúde mental possam trazer todos os seus benefícios. A todos os que trabalham com, ou se interessam pelas questões dos grupos, fica o convite para ler mais sobre o assunto e participar das atividades desenvolvidas pelo NESME e pela SPAGESP.

## REFERÊNCIAS

- ÁVILA, L. A. **Grupos: uma perspectiva psicanalítica**. São Paulo: Zagodoni Editora, 2016, 167pp.
- BION, W. R. **Experiências com Grupos**. São Paulo: EDUSP e Rio de Janeiro: Imago Editora, 2ª. edição 1975. 185p.
- FERNANDES, W. J.; SVARTMAN, B.; FERNANDES, B. **Grupos e Configurações Vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2003, p.205.
- KAËS, R. **Introducción al análisis transicional in Crisis, ruptura y superación**. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 1979. 264pp.
- MELLO FRANCO FILHO, O. (2003) Psicoterapia analítica de grupo - a trajetória de uma ideia e de uma práxis. In FERNANDES, W. J.; SVARTMAN, B.; FERNANDES, B. **Grupos e configurações vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2003, pp 21-22.
- PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do Vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 143pp.
- ZIMMERMANN D. **Estudos sobre Psicoterapia Analítica de Grupo**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1971. Pp347-357.
- ZIMERMANN, D. E. **Bion**, da teoria à prática. Uma leitura didática. Porto Alegre: Artmed, 1995, pp 29, 46-47, 282.
- Lazslo Antonio Ávila. Psicólogo, mestre e doutor (USP), pós-doutorado pela University of Cambridge, UK, autor de outros três livros na área da psicossomática psicanalítica. Professor da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, SP. Membro do NESME e SPAGESP. [lazslo@terra.com.br](mailto:lazslo@terra.com.br)
- Waldemar José Fernandes. Médico especialista em psiquiatria – Área de atuação em psicoterapia, pela ABP – Associação Brasileira de Psiquiatria. Membro fundador do NESME e SPAGESP. [wjfernandes@hotmail.com.br](mailto:wjfernandes@hotmail.com.br)
- Ismênia de Camargo. Psicóloga Aposentada do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; Atual Coordenadora da Clínica Social do NESME; Membro do Instituto Sedes Sapientiae, Departamento de Psicanálise. [ismenia@usp.br](mailto:ismenia@usp.br)
- Solange Aparecida Emílio. Psicóloga e supervisora clínica; mestre em Distúrbios do Desenvolvimento; doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP); presidente do NESME (gestão 2015-2017); professora em tempo integral da Escola de Ciências da Saúde da Universidade Anhembi Morumbi. [solange.emilio@terra.com.br](mailto:solange.emilio@terra.com.br)